

RESENHAS

MARTINS, Fernando Cabral. O Modernismo de Mário de Sá-Carneiro. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

É muito comum que teses de Doutorado ou dissertações de mestrado acabem se tornando muito chatas. A preocupação com as exigências acadêmicas transformam, comumente, um tema interessante em um amontoado de citações em meio a uma linguagem criptográfica, tudo em nome de determinadas teorias cabalísticas, tão em voga nas universidades em geral. Isso, quando o próprio assunto da pesquisa só interessa a alguns iniciados; então, o livro é uma pedra do meio do caminho do leitor e dos alunos: não há curiosidade que a tire do lugar. Felizmente, isso não é o caso do livro de Fernando Cabral Martins, fruto de sua tese de Doutorado, defendida em 1992, na Universidade Nova de Lisboa. Poucos poetas portugueses tiveram uma vida tão interessante e uma obra tão instigante quanto Mário de Sá-Carneiro, o "mago sem condão" da poesia que se fez em Portugal durante o Modernismo. Não importa que o poeta a tenha achado cheia de mesmices e de mediocridades. É Jung quem diz que não devemos dar muito crédito ao que os poetas falam de sua vida e de sua obra. Dono de uma personalidade invulgar, Mário de Sá-Carneiro tornou sua vida um livro bastante atrativo pela complexidade, pela surpresa e pelo fascínio de seu

mundo interior. Quanto a Fernando Cabral Martins, soube ele, também, tornar sua pesquisa uma obra de agradável leitura, relacionando vida e obra do grande poeta sem pedantismos acadêmicos. A relação de Mário com o momento literário em que viveu não se torna, jamais, simples inventário cansativo. Da vida Literária à vida interior do poeta, Fernando Cabral Martins soube extrair detalhes pertinentes, minúcias necessárias, colocando discussões e releituras, tudo isso com a obra do poeta como pano de fundo. Dividido em partes que se somam em uma seqüência necessária (história Literária - Biografia Literária - Poética - O Mundo Interior - O Mundo Exterior) o livro busca, segundo palavras do próprio autor, discutir as relações de Sá-Carneiro com os ismos do momento para chegar à conclusão de que, em lugar de uma obsessiva preocupação megalômana consigo, Sá-Carneiro atualiza uma das tendências fundamentais do Modernismo: a teatralidade. Tal como Fernando Pessoa, seu amigo na vida e na literatura (podemos, realmente separá-las?), Sá Carneiro colocaria em cena não somente seu eu pessoal, mas os elementos constitutivos da literatura: a escrita decadente, os gêneros literários e, segundo o autor, a principal delas - a questão do Eu ou do Autor. Enquanto Pessoa se metamorfoseava, Sá-carneiro transformava o Eu lírico na sua grande preocupação, no seu grande objeto de estudo. Escapando ao que o título do livro poderia nos levar a crer - meras citações da obra do poeta, com o objetivo de encaixá-lo ou não dentro do Modernismo português, o livro de Fernando Cabral Martins nos dá uma visão ampla, sem jamais ser superficial, do momento modernista vivido por Sá-Carneiro, do poeta que ele foi capaz de ser e da grande obra que produziu, transformando-o num

dos maiores mitos da literatura escrita em língua portuguesa. Em resumo, um belo livro - como só podem escrever aqueles que gostam do que fazem - que revela, antes de tudo, dois autores plenamente afinados com a arte da palavra.

Sérgio Alves Peixoto

NAVA, Luís Miguel. *Poemas*. Porto: Limiar, 1987, 100p.

O brutal assassinato de Luís Miguel Nava, com inequívocas marcas de crime sexual, é motivo para se repensar as fronteiras entre a vida e a morte. Mais ainda: atualiza o debate entre as relações do homoerotismo com a produção poética. Aconteceu em Bruxelas, em maio deste. O poeta tinha 37 anos. Uma dezena de livros publicados — entre eles: *Películas* (1979), *A inércia da desertão* (1981), *Como alguém disse* (1982), *Rebentação* (1984), *O céu sob as entranhas* (1989), *Vuicões* (1994). Destes, os quatro primeiros estão agrupados em *Poemas*. Mais três livros de ensaio: *O pão a culpa e escrita e outros ensaios* (1982), *Poesia de Rodrigues Lobo* (1985), *Eugénio de Andrade* (1987).

O amigo que lhe traça recente perfil, em comovido artigo do JL. 648, fala de suas *frenéticas* e *temerárias* viagens por ignaras terras árabes, documentadas por fotos de *legiões de efebos* — *Mohameds, Rachids, Selims, Abduls, de rosto fechado e olhar rapace*. No dia 8 de maio, *pelas vinte horas, um anjo assim empurrou-o para o Além* — como escreve Amadeo Lopes Sabino no referido JL, no artigo intitulado "O Cavaleiro de Marrocos".

Viagens, aventuras, expedições pelo norte da África. Por lá também andou e se perdeu D. Sebastião, trágica legenda; outros portugueses também por lá expedicionaram ou viveram, em

variado contexto histórico e político (como D. Afonso V e Gomes Teixeira). Intelectuais de várias nacionalidades e ideologias sentiram-se atraídos pelos arquétipos de primitivismo, sexualidade e vitalismo que as regiões áridas do norte africano passaram a representar para o imaginário europeu desde meados do século passado. Grandes romances retratam esses reinos sensuais visitados por André Gide (*O Imoralista*), Allan Robbe-Grillet (*La Jalousie*), Albert Camus (*Chroniques algériennes*), André Malraux (*La voie royale*), Paul Bowles (*A distant episode*). Reinos de fantasia, terras de delícia (Gide), percorridos em diferentes contextos históricos e políticos.

O entrelugar em que se instala este texto (entre o juízo de fato e o juízo de valor, entre a indignação e o reconhecimento, entre parâmetros de vida e de arte) radica na própria notícia policial que acompanha essa morte. O termo assassinato por si só tem conotação de fato e de juízo: refere à ambigüidade da morte acompanhada da estúpida violência. A morte que paraliza a libido e os laços do desejo paraliza também a expressão dessa busca.

A defesa da absoluta literariedade tem uma carga fascista, por mais que impertinentes e idealistas teóricos a prescrevam. Pode (e deve) ser um parâmetro válido para a interpretação e análise de um texto; mas, no horizonte inexpugnável da criação, imensos fatores e variáveis interferem, inclusive o próprio contexto e circunstâncias em que o sujeito criador se inscreve. É sabido, desde Barthes, que aquele que escreve inscreve naquilo que escreve sua própria sexualidade.

Não conheci Luís Miguel Nava. De sua vida nada sei. Vi sua foto na contracapa deste *Poemas*, outras no JL referido. Fazem juz ao perfil de belo e vibrante rapaz, alegre e irônico,